

L P Baçan

**Fêmeas
de Luxo**





Fêmeas de Luxo

L P Baçan

Copyright © 2013 L P Baçan

Reprodução e divulgação proibidas sem autorização.

Edição para divulgação exclusiva pelo site

<http://portugues.free-ebooks.net/>

2013

FÊMEAS DE LUXO

CAPÍTULO 1

Naquele dia, haviam caminhado de mãos dadas pelo Centro Park, alimentando os pombos com farelo de milho, admirando reflexos no lago. Perambularam pelas estações do Metrô como dois passageiros comuns, de mãos dadas, num canto discreto do vagão, cada um dizendo tudo que tinha a dizer como se cada momento fosse uma nova descoberta a se conhecessem melhor. Ao entardecer, deliciaram-se com um cachorro-quente à porta de um dos teatros da Broadway, depois se distraíram olhando cartazes e letreiros luminosos que, com a chegada da noite, davam vida àquela rua. Não visitaram a Estátua da Liberdade, mas a olharam de longe, abraçados, apenas esperando o tempo passar na sua costumeira lentidão.

Karen Morrison, cabelos louros e curtos, um ar travesso no rosto expressivo onde um par de olhos verdes reluzia cheio de vida e ternura. Sidney Halfter, pianista desempregado, olhos azuis e triste, um sobretudo surrado sobre o terno de todo os dias, uma vontade enorme de vencer e amar aquela garota do modo como deveria ser. Seus últimos dólares haviam sido gastos naquele dia. Como seria o amanhã era algo em que não queria pensar. Não podia pensar.

Karen era vendedora numa casa de modas. Seu desejo maior era ser modelo. Seu corpo esguio enganava na aparência. Suas formas eram perfeitas, apesar de magra. Amava Sidney. Um amor que não se media em futuro ou compromissos, mas apenas na calma repousante de estarem juntos.

Sidney, no entanto, não a queria assim. Seus planos a incluíam, mas não daquela forma. Sonhava alto apesar das frustrações. Estavam cansados, mas felizes. Todo aquele dia juntos havia despertado uma sede enorme de se encontrarem na intimidade e completarem o vínculo que os prendia.

Sidney consultou o relógio.

— Passa das oito. Acha que já saíram? — indagou ele.

— É possível.

— Esta noite e o dia de amanhã inteiro apenas para nós — suspirou ele, enlaçando-a pelo ombro enquanto caminhavam distraidamente.

— Pena que July não tenha conseguido passagens para mais cedo. Teríamos dois dias inteiros para nós — falou ela, reclinando a cabeça no ombro dele.

Chegaram ao prédio de apartamentos onde Karen dividia um com uma amiga. A garota olhou para o alto. Uma luz apagada era o sinal de que July não estava mais em casa.

— Ela já foi — disse Karen. — Eu a invejo. Ficou contente com os parentes que a vieram buscar para um fim de semana no interior. July estava precisando disso. Tem trabalhado demais.

Sidney a seguiu pelas escadas até o terceiro andar, no fim do corredor, a porta à direita. Karen acendeu as luzes. Sidney fechou a porta e foi se sentar no sofá. A garota se sentou junto dele, aninhando-se em seus braços.

— Que dia! — exclamou ele, com um suspiro cansado.

— Adorei cada minuto, Sidney.

— Gostaria que pudesse ser sempre assim — disse ele, estendendo as mãos diante de si.

— Mãos maravilhosas! — comentou a garota tomando-as entre as suas.

— Maravilhosas e desempregadas — observou ele com certo desgosto.

— Isso mudará, tenho certeza.

— Quando? Tenho feito essa pergunta a mim mesmo centenas de vezes a cada minuto. Quando? Quando? Quando?

— Sidney, querido! — falou ela, as mãos acariciando-o no rosto. — Não será sempre assim.

— Foi o que pensei quando vim para Nova Iorque. Tinha sonhos, planos...

— E aquele restaurante? Você esteve lá?

— Sim, estive. Eles prometeram ligar se precisarem de um pianista. Sempre prometem ligar...

— Precisamos pensar em algo, então. Algo que dê certo, que possa surtir efeito. Você tem talento, Sidney. Confio em você.

— É maravilhosa, Karen. Sem você nada disso teria sentido — falou ele, as mãos acariciando os cabelos lisos e finos da garota.

— Quer comer alguma coisa?

— Uma boa ideia!

— Vou lhe trazer uma bebida enquanto espera — disse ela, solícita.

Karen se levantou. Sidney a reteve pela mão. Olharam-se. Ele a puxou para si, beijando-a com calma e ternura. apenas um roçar de lábios entreabertos, línguas se cruzando rapidamente, dentes que se firmavam suavemente sobre lábios carnudos numa carícia sem dor.

O corpo de Karen era quente e delicioso. Seu perfume discreto e feminino era extremamente excitante. Sidney deixou que suas mãos agissem por si mesmas. Uma delas pousou sobre um dos seios da garota, massageando-o suavemente, percebendo o bico se tornar ereto com a

carícia. A outra deslizou pela cintura, acariciando-lhe as pernas rijas e torneadas.

As duas mãos de Karen acariciavam os cabelos e o rosto dele, enquanto prolongavam o beijo por um tempo indefinido, deixando crescer dentro deles aquele desejo contido durante o dia todo.

Entregaram-se àquele beijo quente e sensual que fazia seus corpos se aquecerem no mesmo calor e vibrarem nas mesmas emoções. O abraço calmo e o beijo suave se transformaram gradativamente num contato febril. O roçar de seus corpos se tornou mais forte.

As mãos de Sidney se tornaram mais apressadas e ousadas. A empolgação crescente tornava as carícias cada vez mais eletrizantes. Suas respirações eram descompassadas, seus corações batiam no mesmo ritmo inquieto e apressado. Interromperam o beijo para se abraçar com força e com as faces afogueadas.

— Amo você, Karen, mas não pode ser assim — disse ele, levantando-se repentinamente e caminhando pela sala ainda aturdido.

O desejo o deixara trêmulo e febril. Suas mãos se firmaram no isqueiro para acender o cigarro. Ele soltou longas baforadas, de costas para ela. Karen ficou olhando para ele, o ventre convulsionado e dolorido pelo desejo frustrado. Seus olhos verdes ainda estavam úmidos. Sua respiração voltava lentamente à calma.

Ela recompôs os cabelos com movimentos nervosos de mão. Depois, silenciosamente foi até a cozinha, de onde retornou com um copo de uísque.

— Sua bebida — disse ela, tentando encontrar uma forma de tirá-lo daquele desânimo interior.

— Sou um perdedor, Karen. Um errado completo. Tire-me de sua vida, para o seu bem! — pediu ele.

— Que posso fazer se o amo? — indagou ela como se não houvesse uma resposta para aquela lógica maravilhosa.

Sidney a olhou com ternura. Karen era uma garota especial. Abraçou-a com carinho. Não queria perdê-la, apesar de tudo. Queria-a junto de si, o tempo todo, dia após dia, noite após noite. Queria ter para onde voltar ao fim de seu trabalho e encontrar um rosto feliz a sua espera. Queria filhos. Queria poder realizar seus sonhos, mas nada dava certo, no entanto. Apenas bicos de fim de noite, tendo que aturar bêbedos que viviam pedindo sempre a mesma canção. Era apenas um instrumento da frustração alheia, sem poder dedilhar suas alegrias e vitórias nas teclas do piano.

Podia fazer isso. Tinha estudo e técnica, além da experiência de vários anos. Conhecia todos os segredos do teclado, sabia como combinar aqueles sons e formar melodias inesquecíveis. Tudo inútil, porém.

— Desculpe-me, quase estraguei tudo — disse ele, ao ouvido dela.

— Está tudo bem, amor. Está tudo bem!

Separaram-se lentamente. Karen estendeu o copo de bebida. Sidney tomou um gole e depois a seguiu até a cozinha, após deixar o sobretudo sobre uma poltrona. Ele apanhou a garrafa de uísque sobre a mesa e foi se sentar a um canto. Levantou a garrafa contra a luz. O líquido dourado prometia soluções miraculosas.

Sidney abaixou a garrafa rapidamente ao ver que Karen o olhava, parada junto à pia. Envergonhado, ele pôs de lado a garrafa e tomou um gole do copo. Karen mexeu no forno. Deixou alguma coisa assando, depois se sentou diante dele, tomando-lhe o copo das mãos e bebendo o bastante para umedecer os lábios. Olharam-se em silêncio. Havia confiança e carinho no olhar da garota.

— Que tal pensarmos em alguma coisa agora? — indagou ela.

— Esta bem! — concordou ele, tomando o copo de volta.

Parecia fácil encontrar uma solução, mas o silêncio provava o contrário. Karen esfregou as mãos nos cabelos e depois as repousou sobre os joelhos de Sidney.

— Não é tão fácil como parece, não? — observou ele.

— Sim, não, mas não vamos desistir. Sempre há algo que se possa fazer para variar as coisas. Tomo como exemplo o nosso próximo desfile. A patroa decidiu usar música para... Música! — repetiu ela, pensativa.

— Música?

— Sim. A ideia não é original nem nova, mas surte bons resultados.

— Espere um pouco! — pediu ele. — Que tipo de música ela pretende usar?

— Não sei. Ela não comentou a esse respeito. Por quê?

— Como é ela?

— A Srta. MacGuire? Bem moderna, com ideias próprias, emancipada.

— Não sei, pode parecer uma loucura, mas é uma chance — disse Sidney esperançoso.

Seus olhos brilharam estranhamente eufóricos. Isso agradou a garota. Todo o rosto de Sidney ganhava uma expressão alegre e adorável.

— Em que está pensando? — indagou ela.

— Uma ideia maluca, de péssimo gosto, mas que pode funcionar — disse ele, levantando-se e gesticulando. — Imagine o quadro. A passarela está vazia. Por detrás de uma cortina, um pianista inicia os primeiros acordes de um concerto clássico. Surge a primeira modelo, depois as outras, girando num balé gracioso e bem ensaiado. O que acha?

Karen o olhava entre surpresa e incrédula. Sua mente trabalhava rápido. Ela pensou nos detalhes da iluminação adequada e do ambiente apropriado, mas imediatamente o rosto de Sidney se tornou sério e frustrado. Ele se ajoelhou diante da garota e pousou sua cabeça sobre os

joelhos dela. Então, de repente, ele começou a rir. Um riso nervoso que seria confundido facilmente com choro.

— Sidney, isso pode ser feito. Seria até original.

Ele parou de rir para encará-la.

— Fala sério?

— Sim, falo.

— Acha mesmo que pode ser feito?

— Em todo esse tempo que trabalho lá, já vi as coisas mais ridículas funcionarem. Esse mundo da moda é maluco e está sempre em busca de novidades que marquem época e ganhem manchetes.

— Está afirmando que a ideia é ridícula? Pois concordo com você.

— Não, eu não quis dizer isso — apressou-se ela com sinceridade.

Sidney se levantou e caminhou nervosamente pela cozinha. Estava excitado com a ideia.

— Acha que ela nos ouviria? — indagou ele, parando diante da garota.

— E por que não?

— Pode conseguir isso?

— Posso tentar.

— Pode ser a minha chance. Aquela atelier é influente, tem renome e conceito. Sabe o que significa isso? De um modo ou de outro eu poderia ter meu nome nos jornais. Seria conhecido.

Karen se viu forçada a acreditar nisso. Era realmente uma oportunidade excelente de Sidney conseguir se projetar. Sabia o quanto aquilo era importante para ele e para os dois.

Levantou-se e foi verificar o assado. Estaria pronto em pouco tempo. Arrumou pratos sobre a mesa. Sidney continuava no mesmo lugar, olhando-a à espera de sua aprovação definitiva.

Karen serviu a mesa. Depois parou e olhou para Sidney. Sorriu timidamente. Ele caminhou para ela e a abraçou com força.

— Karen, temos de tentar — disse ele, eufórico.

— Claro que sim, amor.

Ele a beijou no pescoço, no ombro e na orelha. Karen esfregou-se a ele. Adorava Sidney naqueles momentos. Ele se transformava completamente. Suas carícias eram mais provocantes, seus beijos tinham mais sabor.

— Vai esfriar — apontou ela, na direção da mesa.

— Querida, você é maravilhosa! — exclamou ele, beijando-a mais uma vez.

Sentaram-se frente a frente. Sidney comeu com apetite. Todo aquele desânimo deixara de existir. Um sorriso constante alegrava seu rosto. Karen sorria em resposta, cheia de ternura. Amava-o perdidamente,

desesperadamente. Podiam fazer muita coisa juntos, se ele realizasse seus sonhos.

Quando terminaram, Sidney a ajudou com a louça suja. Depois foram para a sala, onde se acomodaram no sofá. Karen havia desligado as luzes principais. Um abajur atrás deles ilumina francamente. Sidney se deitou, deixando que a garota acomodasse seu corpo sobre o dele. Ele acariciou os cabelos dela suavemente, enrolando-os e puxando-os para que se desenrolassem em rápidos caracóis.

— Não quero ser um solista famoso, Karen. Gostaria apenas que uma boa orquestra me contratasse. Eu teria o bastante para nós.

— Eu adoraria isso, Sidney. Adoraria — disse ela, beijando-o no pescoço lentamente, colando os lábios mornos e entreabertos sobre a pele dele, sugando ligeiramente e soltando em seguida.

Arrepios deliciosos percorreram o corpo de Sidney a cada beijo. O calor daqueles lábios era provocante. Suas mãos se moveram pelos cabelos dela, deslizando depois pelas suas costas.

— Eu poderia comprar uma casa em Manchester. É um bom bairro, as crianças iriam adorar — continuou ele, sonhador.

— Crianças? — indagou ela, sem surpresa.

— Meia dúzia delas no mínimo.

— Sidney, seu maluco! — exclamou ela, os lábios subindo excitados para o queixo e depois para o canto de seus lábios.

As mãos dele repuxaram o tecido da blusa e tocaram a pele quente e macia de sua cintura. Depois, mais ousadas, introduziram-se pela saia, tocando-lhe as nádegas para em seguida retornarem à cintura.

— Sonhos que podem se realizar, basta apenas um princípio — filosofou ele.

— Sonhos que se realizarão, é melhor pensar assim — acrescentou ela, o hálito acariciando os lábios dele.

Sidney a prendeu em seus braços, apertando-a delicadamente, enquanto seus olhos se detinham nas curvas sensuais dos lábios fascinantes.

CAPÍTULO 2

Karen era toda ternura e desejo. Os braços de Sidney a apertaram um pouco mais, contagiados pelo calor e maciez do corpo feminino que se aninhou comodamente junto dele. Os lábios do rapaz roçaram os cabelos dela numa carícia cheia de ternura. A mão da garota se introduziu pela camisa dele, acariciando-lhe o tórax. Lentamente Sidney a atraiu para si, beijando-a com uma delicadeza incomum.

Karen se entregou àquele beijo e ao que viria em seguida com a certeza que vibrava em seu coração. Sidney começou então a despi-la sem pressa, carinhosamente. A pele dourada da garota tinha um fascínio especial. Seu perfume era inebriante e seu calor, aconchegante. Ela estendeu a mão por sobre o ombro dele e desligou o abajur. A penumbra era fracamente quebrada pela luminosidade que vinha da rua e filtrava-se nas cortinas das janelas.

Ele a estendeu no sofá, beijando todo seu corpo. Com movimentos sensuais ela o foi despindo até desnudá-lo totalmente. Seus corpos nus, finalmente, se acomodaram sobre o amplo sofá. O corpo dele pesava ligeiramente sobre o dela, mas o contato, longe de ser incômodo, era delicioso e tentador. Uma das pernas de Sidney se movia compassadamente sobre as pernas dela. O desejo que os unia era calmo e intenso. Entregavam-se ao amor porque nele se realizavam. Buscavam-se com frequência porque ardiam no mesmo fogo apaixonado.

A descoberta de momentos antes punha mais euforia naqueles instantes de amor, dando-lhe um sabor espacial e inédito. Tudo sempre era inédito. Quando se amavam, sentiam que se amavam pela primeira vez. Tudo era novo, todas as descobertas ainda precisavam ser feitas. As carícias mútuas eram lentas e sensíveis. O morder era cuidadoso e no ponto exato, na medida exata. A excitação, ao contrário, era forte, ansiosa, crescente como uma febre que punha brasas em suas peles e calor em seus corpos.

Sidney deslizou seus lábios de um ombro ao outro percorrendo a pele perfumada. Depois subiram por uma das faces até roçarem a boca entreaberta da garota. O beijo que se seguiu já tinha muito da impaciência que ardia em seus corpos. Seus lábios se moveram de um lado para outro, num roçar forte e saboroso. Depois, entreabertos, permitiam que línguas se encontrassem numa intimidade maior.

Uma das mãos dele escorregou pelo braço da garota até a linha da cintura. Dali saltou para o ventre macio e subiu lentamente até pousar sobre um dos seio e acariciá-lo com volúpia. Empolgada, Karen suspirou mais forte, apertando seus braços ao redor do corpo dele. Ávida e impaciente, a

boca de Sidney espalhou carícias pelos ombros e pescoço da garota, beijando-os com empolgação crescente.

Karen retribuiu, acariciando-lhe o corpo com sensualidade, excitando-o a cada toque e a cada movimento carinhoso de suas mãos. As dele deslizavam suavemente pelos braços da garota, massageando-lhe os seios, percorrendo seu ventre e se perdendo no calor alucinado das coxas sedutoras. Um crescendo de empolgação pôs frenesi em seus corpos. Carícias mais íntimas tiveram lugar, provocando espasmos e prazer.

O urgência de chegar ao auge da paixão dominou seus corpos que se esfregavam e se buscavam cheios de luxúria. Mãos apressadas e lábios ardentes se esmeravam em carícias. Karen sentia seu corpo vibrar sensações indefiníveis, ante a habilidade daquelas mãos. Era como se o rapaz soubesse dedilhá-lo como a um instrumento musical, arrancando dali melodias harmoniosas em forma de emoções violentas e arrebatadoras.

Ela deixou escapar gemidos profundos quando Sidney insistiu numa carícia mais íntimas, alucinando-a acomodado entre suas coxas. O desejo da satisfação plena fazia suas cabeças girarem num turbilhão de sensações. Karen suplicou por ele, presa de incontrolável delírio.

Sidney deitou-se sobre ela, buscando a penetração. Movimentos frenéticos abalaram seus corpos no mesmo rito alucinante.

Violento e arrebatador sobreveio o clímax.

* * *

Noite alta. Não se ouvia mais barulho de carros lá fora nem conversas passageiras. Karen girou o corpo sobre o sofá, acomodando-se melhor. Suas mãos percorreram toda a extensão do espaço desocupado à procura do corpo de Sidney. Não o encontrando, a garota abriu os olhos lentamente.

Sidney não estava ali. Havia se levantado, mas a cobrira com um cobertor. Ela se sentou no sofá, firmando o cobertor aos ombros. Uma corrente de ar a fez olhar na direção das janelas. Sidney estava debruçado em uma delas, fumando pensativamente. Ela esfregou os olhos e enrolou-se no coberto, procurando por sua sandália em algum ponto por ali. Calçou-as finalmente e foi se apoiar em Sidney.

— Desculpe-me, não queria acordá-la! — disse ele, abraçando-a com ternura.

— O que faz aqui?

— Estou sem sono. Estava olhando a rua. É interessante como pouco a pouco o movimento vai diminuindo, diminuindo, até que bêbados cambaleantes a dominem. Pobre gente! — exclamou ele, baixando a vidraça e fechando as cortinas.

— Quer tomar um chá quente? — ofereceu ela.

— Sim, é uma boa ideia!

Caminharam abraçados até a cozinha Karen estava deliciosa. Os cabelos exibiam um suave desalinho e as coxas se mostravam sob as pontas

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

